

MUSEOLOGIA: RETROSPECTIVA SOBRE A FORMAÇÃO DA ÁREA E MÉTODO DE PESQUISA PARA DELIMITAR UM DOMÍNIO CONCEITUAL

Suely Moraes Cerávolo
Doutora; docente do Departamento de Museologia
— Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas;
UFBA, sumoce@ufba.br

Resumo: Seguindo a proposta de que é necessário voltar ao histórico da constituição de um campo de conhecimento para trazer à luz e, assim, atualizar, pressupostos que podem ter ficado subentendidos ou escamoteados, apresenta-se uma retrospectiva sobre a formação da Museologia em meados dos anos 80 do século XX, e o método aplicado para delimitar o conceito *museologia* com base na coleta “em uso” de seus traços identificadores.

Palavras-chave: museologia; museologia e terminologia; metodologia de pesquisa

Abstract: In accordance with the idea that it is necessary to go back to the roots of a field of knowledge to bring forth, and thus keep up to date, issues that may have been considered secondary or unimportant, a retrospective is presented on the development of Museology in the mid-1980s and the method employed to define the *museology concept* based on a present sampling of its identifying features.

1 MUSEOLOGIA: RETROSPECTIVA SOBRE A FORMAÇÃO DA ÁREA E MÉTODO DE PESQUISA PARA DELIMITAR UM DOMÍNIO CONCEITUAL

A pesquisa sobre a relação entre Museologia e terminologia foi iniciada com um projeto de doutoramento que resultou na tese *Da palavra ao termo*: um caminho para compreender Museologia, sob orientação da prof. Dra. Maria de Fátima Tálamo (ECA/USP; 2004). A inquietação que permeou esse momento de investigação voltou-se para caracterizar a área Museologia como um campo do saber que conta com noções (conceitos) e seus respectivos termos. Para alcançar essa proposta foi desenvolvida metodologia de rastreamento para captar o conceito *museologia* em suas origens, procurando evidenciar os traços constituintes, coletados em bibliografia especializada, num determinado momento sincrônico: os anos 80 do século XX.

Entende-se que essa pesquisa pode reabrir um veio de investigações sobre as relações entre Museologia e Ciência da Informação, com base na atualização de propostas conceituais cunhadas ainda naquele período. É o caso da proposição que toma a Museologia como “informação cultural” de Ivo Maroevic.¹ Para Maroevic, há dois tipos de informação: a científica, que define fatos científicos; e a cultural, que lida com valores atribuídos para o objeto no contexto social. Conseqüentemente, a informação cultural é a que interessa aos museus.

Tal proposição merece um escrutínio detalhado e será tema de investigação do grupo MuseuTermo (CNPq). Por ora, nos limitamos a apresentar o percurso trilhado na pesquisa, tendo como horizonte a necessária revisita aos momentos estruturantes da Museologia do século XX, de forma a situar e atualizar seu campo nocional. Segue-se o caminho de pesquisa proposto por Kobashi, Smit e Tálamo (2001) aplicado à Ciência da Informação para trazer à luz aquilo que, porventura, ficou subentendido e pressupostos que possam ter sido escamoteados.² No plano do processamento terminológico trabalhamos com o conceito *museologia* considerado um núcleo fundante do domínio que leva a mesma denominação (*Museologia*).

Relatam-se, para cumprir esse objetivo, algumas situações que influíram na concepção de Museologia do século XX, seguido da apresentação das fontes de pesquisa e a metodologia aplicada para recuperar a essência nocional assim perioditizada.

2 A MUSEOLOGIA DA DÉCADA DE 80 DO SÉCULO XX

Podemos iniciar a narrativa dessa história realizando um recorte justificado pela formação, nos anos 70 do século XX, do Comitê Internacional para Museologia (Icofom), um dos ramos do Conselho Internacional de Museus (ICOM/Unesco), implantado em 1946 em Paris, para cuidar dos museus e seus profissionais. Consideramos esse comitê o emissor do discurso oficial da Museologia, por sua abrangência internacional.

A instauração do Icofom tinha objetivos bem delineados: discutir Museologia para identificar seu objeto de estudo e capacitá-la com um corpo de conceitos que lhe daria força, assim acreditavam seus membros, para se impor como disciplina acadêmica. Um segundo objetivo, não menos importante, era prover os “trabalhadores de museus” (*museum workers*) com um conjunto coeso de idéias. Para Peter van Mensch há uma relação íntima entre a busca de emancipação da Museologia e o processo de profissionalização do trabalho em museu (*museum work*).³ Sendo assim, modelar uma teoria faria com que se formasse o patamar coeso, quem sabe único, para expressar a Museologia e, ao mesmo tempo, instrumentalizar tais trabalhadores com um referencial teórico de porte.

O papel do Icofom seria o de funcionar como “consciência do Icom”;⁴ o uso dessa expressão nos sugere a possibilidade de compreender que os outros comitês seriam agentes de questões práticas caso, por exemplo, do Ictop (Comitê Internacional para o Treinamento de Pessoal) voltado para a formação profissional.

Uma característica do grupo inicial do Icofom a ressaltar envolve a proveniência dos membros: europeus, em especial eslavos e germânicos, reconhecidos por Van Mensch como iniciadores das discussões teóricas sobre a natureza da Museologia. Eles imprimem o cunho que se pode dizer filosófico da Museologia, ao mesmo tempo que a marcam como pensamento eurocentrado.

As divergências não tardaram a romper. Pode-se simplificá-las em duas linhas de concepção: uns julgavam a Museologia como teoria sobre as atividades de museus (“ciência dos museus”), e outros a viam como algo além, uma meta-teoria, um certo plano filosófico (“ciência do fato museológico”). Alguns autores explicam que uma parcela dessas divergências — senão toda — foi gerada pela ausência de consenso de vocabulário.

Uma passagem específica ilustra a dificuldade de lidar com o que foi denominado “léxico de Brno” (cidade de concentração dos membros checos) pelo norte-americano Ellis Burcaw. Não vamos perder de vista o período em que isso ocorre: anos 80, época em que ainda vigora a divisão do mundo pela Cortina de Ferro. Para Burcaw, os representantes dos países socialistas se revelavam nos temas por dominarem o vocabulário, diferentemente dos membros dos países ocidentais que neles perambulavam, pois desconheciam palavras como “musealidade”, “museístico”, “thesaurus de objetos”. Burcaw solicita, numa publicação, que o Icofom esclarecesse a natureza dos temas para debate, bem como o vocabulário empregado pois, caso contrário, seria o mesmo que “convidar oponentes para jogar um jogo sem explicar as regras”.⁵

A publicação do *Dictionarium Museologicum* (1986)⁶ foi uma tentativa — “romântica”, na visão de Van Mensch⁷ —, de alcançar consenso terminológico. Esse trabalho levou 11 anos para ser concluído, recebeu subvenção da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa, SP) e contou com o esforço pessoal do húngaro István Éri que atestou a falta de “unidade lingüística em museologia” mas, ao mesmo tempo, um grau de amadurecimento suficiente para estabelecer essa unidade.⁸ Uma das expectativas de Éri foi a de que o dicionário se tornasse uma “ponte com palavras” entre profissionais, instituições e para os cursos de formação em Museologia. Pouco conhecido, é composto por uma lista de 1632 palavras, traduzidas em mais de 20 idiomas: inglês, francês, espanhol, russo, alemão, búlgaro, checo, dinamarquês, esperanto, finlandês, húngaro, italiano, alemão, holandês, norueguês, polonês, português, romeno, servo-croata, eslovaco e sueco.

Note-se que o Icom e seus comitês, da mesma forma que outros organismos da Unesco/ONU, convivem com a pluralidade lingüística proporcionando um ambiente particular de comunicação. Pessoas com interesses comuns, provenientes de países, culturas e línguas diferentes, procuram se ajustar às chamadas “línguas de trabalho”; no caso do Icom o inglês, o francês e o espanhol, idiomas com os quais os participantes e colaboradores devem se expressar sobre museus e Museologia.

Poderíamos supor a ausência de entraves para a comunicação escrita ou oral, já que os membros do comitê se remetiam aos museus como meio de trabalho; no entanto, na prática, isso não ocorre pois há variações num mesmo campo profissional. Essas variações ocorrem, segundo Francis Henrik Aubert, em razão das necessidades, pressupostos e motivações diferenciadas numa mesma comunidade de usuários de linguagens de especialidade e até numa cadeia de atividades profissionais, gerando usos lingüísticos distintos.⁹

Outro aspecto a comentar diz respeito ao modo como foi sendo modelada a Museologia “icofoniana”. Vinos Sofka, checo, presidente do comitê de 1977 a 1989, considerado “personagem pai” para sua formação, apoiou-se em questionários para coletar material para os encontros e documentos. Os membros e colaboradores deveriam responder a uma pergunta por ele considerada simples: “o que é Museologia?”. A resposta exigia elucidar outras perguntas, abrindo uma cadeia de interrogações: qual a sua identidade como disciplina acadêmica?; qual a sua consistência?; qual a sua estrutura científica específica?; qual a relação

entre tal estrutura e outros campos de pesquisa?; quais as áreas com que estaria relacionada?; qual a identidade da profissão? As respostas mostraram que a pergunta não era assim tão simples e o consenso estava distante. Se, porventura, a palavra Museologia sugeria um sentido unívoco, a possibilidade de debate no Icofom expôs sua condição polissêmica.

Além desses fatos relativos à modelagem do pensamento museológico convém também situar que, nesse mesmo período, explodiam mutações na prática que alteravam a própria concepção de museu.

Muitos museus deixavam de vincular-se somente a acervos, pesquisa, salvaguarda e exposição de peças, embora tais tarefas continuassem fundamentais. As tendências, que na década de 70 estavam apontadas, tornaram-se tão visíveis que não era mais possível escondê-las: profissionalização em curva ascendente; aproximação mais estreita com a sociedade; maior preocupação com as expectativas do público, o que levou as instituições a aderirem a estratégias de marketing e publicidade; aplicação de modelos de gerenciamento administrativo em voga incluindo estratégias para captação de verbas; terceirização de mão-de-obra especializada; todas elas contam, contudo, um lado da história. Um outro lado refere-se ao que se convencionou como “Nova Museologia”: um movimento que bradava dentro do Icofom para que se aceitassem as novas formas de museu; dentre eles, os conhecidos ecomuseus. O ponto distintivo recaía sobre um aspecto fundamental: os museus e objetos de museu não eram mais o limite das parcelas de Patrimônio que cabia tradicionalmente a essas instituições. Passa-se à ação modificadora da “museologia popular”, vinculada diretamente às expectativas de grupos inteiros, seus respectivos territórios, costumes e tradições, e chega-se a envolver a idéia-museu com a revitalização de postos de trabalho, retomando artesanias, atividades agrícolas e industriais.¹⁰

Se esse aspecto afetava diretamente as noções de museu e Museologia, não chegou a alterar a conceituação desse período, como veremos adiante, mas modificou em muito a mentalidade e atitudes dos “trabalhadores de museu”: os museólogos.

3 FONTES DE PESQUISA: REVISTAS DE DIFUSÃO E REVISTA DE DIVULGAÇÃO

Para extrair traços e recompor o conceito *museologia* nos baseamos num *corpus* documental formado por duas publicações especializadas da área de Museologia. Nas revistas tem-se uma comunicação marcada por características particulares (comunicação especializada); elas são o suporte de divulgação das idéias geradas e/ou em gestão e, além disso, possibilitam a observação do emprego efetivo de palavras e termos. As publicações, de modo geral, fazem parte de iniciativas para inscrever, garantir ou fortalecer um projeto de difusão e divulgação que, no caso de temas especializados, têm um círculo especial de destinatários. Por essas razões se investem de funções a desempenhar e missões a cumprir, na medida em que, circulando, informam, propagam, atualizam, instruem e, dependendo do objetivo editorial, são um ponto a partir do qual se espraiam regras, recomendações, indicações de práticas e de leituras, e assim por diante.

O eixo articulador para categorizar as publicações foi alçado da proposta explicativa de Carlos Vogt¹¹ sobre o funcionamento da “cultura científica” do ponto de vista da comunicação, concebida como processo que ocorre entre destinadores e destinatários. Trata-se de uma cultura acionada, num primeiro momento, pela produção de cientistas que se utilizarão também de revistas científicas para fazer circular entre pares o conhecimento gerado. O segundo momento é o do ensino da ciência e formação de cientistas; o terceiro do ensino para a ciência e, o quarto, das atividades voltadas para a divulgação da ciência. Se os museus nascem como equipamentos culturais na fase de ensino e divulgação da ciência, as revistas científicas (de difusão entre pares), e as de divulgação (para um público não

necessariamente conhecedor dos temas tratados), embora situadas em momentos diferenciados, são partícipes do mesmo circuito produtivo.

Ressaltam-se dois aspectos apontados pelo próprio Vogt: o esquema por ele proposto não tem a pretensão de esgotar a multiplicidade de interações possíveis entre indivíduo e disseminação da ciência. Outro aspecto apontado é de que a cultura científica se faz em curva espiralada (*espiral da cultura científica*), partindo da produção (entre pares), percorrendo fases, e retornando ao ponto de partida deslocado do ponto original; isso ilustra o acréscimo na bagagem inicial ao se completar o circuito. Esse circuito para Vogt é o movimento que propulsiona o desenvolvimento da ciência.

Esse autor não se refere a ações de natureza terminológica; no entanto, pode-se aplicar sua concepção a partir da percepção de que, no primeiro momento (de produção da ciência), instala-se a condição para a cunhagem da terminologia e de conceitos. Isso se explica, segundo Maria de Fátima Tálamo, pela natureza teórico-científica da terminologia cuja tendência é seguir critérios de rigor científicos ou profissionais mais concisos e precisos; o que não significa necessariamente que alcancem este objetivo.¹²

Foram duas as publicações empregadas como fonte de observação e coleta. Ambas fazem parte do mesmo processo produtivo em prol da cultura científica da área Museologia, possibilitando um fluxo de produção e disseminação de terminologia.

a) na categoria das revistas de difusão (entre pares) a *MuWoP/DoTraM* (*Museological Working Papers* ou *Documents de Travail sur la Muséologie*) e *ISS* (*ICOFOM Study Series*) publicadas pelo Icofom.

b) na categoria de revista de disseminação a *Museum*, publicação da Unesco dirigida para um público particular: os profissionais de museu.

Deve-se levar em conta a presença de variações mesmo na comunicação entre pares, ainda que essa suponha a competência similar entre destinadores e destinatários. Maria Tereza Cabré elucida que as variações surgem em razão de graus de abstração em que se apresenta a informação. Afloram variações discursivas, realizam-se ajustes ou adequações de acordo com as diferentes situações comunicativas; nesse processo influem o tipo de texto produzido, as circunstâncias comunicativas, as características dos interlocutores e seu nível de conhecimento, mesmo que a linguagem tenda a ser mais objetiva.¹³

Há características distintivas entre essas publicações: a *MuWop*, com apenas dois números, visou elucidar o objeto de estudo da Museologia. Foram seus focos de discussão a “Museologia: ciência ou trabalho prático?” (n.1) e a “Interdisciplinaridade na Museologia” (n. 2). Na *ISS*, são os temas que marcam o mundo de referência, proporcionando um dado perfil da Museologia. As duas publicações visavam instituir bases teóricas; enunciam, portanto, a teoria, de certo modo para conscientizar, pelo debate, o comitê e seus participantes (além do Icom) dos problemas que seriam específicos da área, para que esta fosse abordada como ciência. A *Museum*¹⁴ enuncia e divulga a prática, sem esquecer seu viés ideológico alinhado aos objetivos traçados pela Unesco; é dirigida a profissionais, transmite conselhos práticos, reconhece nos museus o potencial de educação. Mirava os aspectos técnicos, centrados, nesse período, no que se denomina museografia, a parte aplicada da museologia ou aquilo que se executa.

4 O MÉTODO

Descritas as características das publicações — do seu formato ao conteúdo —, uma outra etapa da pesquisa dirigiu-se para a coleta dos traços constituintes do conceito *museologia*.

Nas revistas publicadas pelo Icofom (*MuWoP* e *ISS*), o objetivo dos autores (membros e colaboradores), no período em estudo, foi especificar a Museologia por meio de argumentos que a ancorassem em princípios teóricos a fim de ser considerada uma área específica de

conhecimento com estatuto acadêmico. O Icofom firma-se como instância de produção que ‘pensa’ a Museologia; uma pré-condição para a sua formação e linha condutora de reflexão com a missão de identificá-la. Duas perguntas os guiavam para essa delimitação conceitual: a Museologia seria ciência ou somente um trabalho prático? e quais seriam os seus limites disciplinares e características distintivas tendo em vista outras áreas do saber (como História, Arqueologia, Antropologia e Etnografia, História da Arte...)? Nesse aspecto, é necessário ter em vista que as coleções mantidas em museus são abordadas em pesquisas segundo parâmetros disciplinares dessas áreas e não propriamente da Museologia; esse se tornou um ponto marcante de fricção. As discussões sobre esses temas estão registradas na *MuwoP*.

Na série de estudos *ISS*, um conjunto de documentos que antecederiam os encontros do Icofom, o objetivo foi problematizar a relação da Museologia com aspectos relativos às atividades de museu, o que envolve coleções de museu, a coleta, a exposição, e assim por diante. Mas os colaboradores (autores) também trouxeram reflexões sobre o futuro da instituição, as mudanças que vinham ocorrendo, o papel dos museus perante alguns problemas mundiais, criando, nesse aspecto, um arco entre o Icofom e temas discutidos pela Unesco e Icom.

No conjunto dessas produções, fica-se diante de uma Museologia em blocos diversificados, considerando-se os discursos emitidos: Museologia objeto de estudo; Museologia pesquisa e método de pesquisa; Museologia e museus e suas atividades; Museologia e a transformação dos museus; Museologia e museus e sua função social como equipamento cultural.

Outro é o critério intelectual seguido pela *Museum* já que com base no pragmático, descrevendo e propalando as atividades de museu. Tem-se, por esse periódico, um panorama do ‘como’ fazer (coletar, conservar, restaurar, estocar, documentar, apresentar), do ‘porquê’ (preservar, comunicar, informar, disseminar, educar, servir), do ‘aonde’ (nos vários tipos de museus: dos tradicionais aos ecomuseus e aos centros culturais) e do ‘por quem’ (curadores, museólogos, conservadores, restauradores, entre outros). Em seus artigos, com descrições e relatos sobre atividades e funções, observa-se o vínculo com o *pensamento* museologia, uma vez que reportam fatos da prática e experiência para os princípios teóricos emitidos pelo Icom. Vale notar que alguns membros do comitê estavam incluídos no Conselho Consultivo dessa revista.

Destaca-se — e esse aspecto é bastante significativo — que um dado sistema conceitual não é e não pode ser único. Como aponta Marilda Ginez de Lara, as propostas classificatórias, especialmente as universais, são datadas, parciais, momentâneas e centradas num ponto fixo de enunciação.¹⁵ Sendo assim, optou-se por um dado ponto de vista orientador. Tendo em mente um rastreamento terminológico, nosso ponto orientador voltou-se para as características, propriedades, representações mentais que foram concebidas e associadas para dar feição à Museologia; caminho diverso, portanto, do acionado pela *MuWop* com a pergunta “o que é Museologia?”.

Vulgarmente a palavra ‘museologia’ vincula-se a ‘museu’ por um elo semântico intuitivo, em razão da raiz comum; esse caminho nos faz remeter Museologia a algo relativo aos conhecimentos ou atividades desenvolvidas nos museus. Na perspectiva terminológica os elos são procurados, e propositadamente identificados, no interior da linguagem de especialidade em “uso real” (expressão de Maria Tereza Cabré), ou seja, tal como são empregados por seus usuários nas diversas situações comunicativas.

“Conceito”, segundo definição proposta por M. T. Cabré, é “uma unidade do plano do conteúdo integrada por um conjunto sistemático de características de tipos distintos”, ou “são representações mentais de objetos, fruto de um processo de seleção das características relevantes que definem uma classe de objetos e não objetos individuais”. Já “características” são as propriedades dos objetos, suas representações mentais que, combinadas, formam o

conceito. Para Cabré o conceito é prévio; pode ser concebido independentemente da denominação do termo que o designa,¹⁶ o que significa que os traços ou características que o formam encontram-se espalhados na documentação e devem ser procurados tornando-se inteligíveis por procedimento metodológico analítico. As associações entre conteúdos e denominações empregadas de modo espontâneo estão, portanto, no decorrer dos textos. “Termo” é a designação representativa dessas associações.

Instalou-se como método o procedimento comparativo para levantamento das características dos conceitos que permitem a identificação de traços semelhantes e os diferentes. São as semelhanças e diferenças que situam cada conceito dentro do sistema nocional, pois revelam relações responsáveis pela determinação da posição do termo dentro da estrutura desse sistema.

Observam-se, nas publicações, variações decorrentes de alguns fatores, caso dos objetivos editoriais, as respostas dos colaboradores aos roteiros preestabelecidos (na *MuWop*) ou reflexões sobre determinados temas (na *ISS*), cuja intenção foi incitar discussões voltadas para as posições sobre museu e Museologia em razão de suas perspectivas, experiências e ideologia para a apresentação e comentários, por parte de profissionais, de artigos para informar e atualizar (na *Museum*).

Na *MuWoP* e *ISS*, a tendência é explicar, classificar e organizar o pensamento essencial da Museologia, que tem o museu como um de seus focos. O *museu*, nesse plano que considero teórico, é classificado ora como base institucional para a ação de diversas disciplinas científicas, um instituto, uma expressão histórica e sociocultural de um tipo de instituição caracterizada pela preservação e uso das evidências materiais da humanidade e seu ambiente; ou como instituição que realiza, ou possibilita, a relação entre o homem e a realidade material, e entre a instituição e a realidade social (relações explicadas através do método interdisciplinar). Ainda no plano teórico o papel dos *objetos de museu* surge como: agente de transferência museológica; evidência material; objetos-conceitos; provas; testemunhos passíveis de musealização; parte da realidade além da sua materialidade; fator básico das atividades de museu e focos de descrições científicas registradas em documentação apropriada e particular de museu. A *preservação* como: concepção central da Museologia em sentido estreito (preservação de artefatos e naturalia), e amplo como completa herança cultural e natural; ou como algo vinculado a uma Museologia holística capaz de dar cobertura à relação entre homem e seu ambiente; a posição do homem no espaço e tempo; as influências da herança cultural e natural sobre a identidade de pessoas e grupos; um meio e não fim.

Na *Museum*, imperam descrições detalhadas das singularidades de várias atividades dos mais diversos tipos de museu. No plano da prática, para citar um exemplo, o *museu* é base, o lugar que nos dá ocasião para conhecer as relações complexas do nosso mundo e faz evidenciar a massa de fatores imbricada aos objetos; também lugar que reflete parte da gênese dos homens, fazendo reavivar a lembrança de histórias e da História independentemente de sua proveniência; a reserva cultural que reclassifica e transmuta as evidências materiais em objetos-símbolos, ou ainda o lugar que por meio de objetos ressalta o trabalho, os reveses, dores, esperanças, lutas, vitórias e utopias dos homens.

Percebe-se, na *Museum*, o emprego de uma linguagem até mesmo poética, distinta daquela empregada nas revistas de divulgação (de cunho científico) que, como vimos, tende à objetividade e concisão. Mas há sinais de compartilhamento e passagem dos pressupostos teóricos para a prática, e vice-versa, graças ao intercâmbio e repercussão das idéias promovidas pela comunicação (ou diferentes formas de comunicação, nessas incluídas os próprios encontros onde vigora a palavra oral).

Para cingir o domínio museologia, compreendendo-se por domínio o “subconjunto de uma área determinada por um sistema de noções” (LARA; 2002),¹⁷ realizamos levantamentos, em caráter exploratório, para captar as características do conceito *museologia*

por meio de uma cadeia sucessiva de operações, de tal forma que um procedimento alimentou o passo seguinte. A cada passo, as descrições, afloradas na documentação, foram sendo agrupadas por similaridade e distinção a fim de obter um conjunto das características típicas de um determinado conceito.

No elencar características surgiram as variações discursivas, às vezes com pontos de vista contrários, que apontavam para diferenças no emprego da linguagem de especialidade e grau de conceitualização. Segundo Maria de Fátima Tálamo, é pertinente não cristalizar relações monossêmicas entre conceito e termo; esse artifício pode conduzir a uma ilusão limitadora e restritiva para a produção do conhecimento, pois, sob a ótica da comunicação, o fundamental é identificar quais conceitos que fundamentam o jogo da linguagem. Tálamo alerta para a importância de revelar variações que reflitam conflitos espontâneos no interior de uma área do saber. E completa: ao se erigir um campo disciplinar relacionado a uma prática secular — o que se aplica aos museus —, a comunidade científica põe suas forças contraditórias para trabalhar¹⁸ — o que se aplica aos membros do Icom/Icofom. Se seus membros ou colaboradores não estavam no comitê como cientistas, a maioria compartilhava da formação acadêmica e ali estavam como especialistas com uma missão a cumprir: identificar o objeto de estudo da Museologia. Sendo assim, variações representam o afloramento de divergências naturais e ao trabalho terminológico cumpre captá-las, e não excluí-las.

Os passos metodológicos subsequentes foram:

a) Inventário: tendo como guia as rubricas ‘museologia’, ‘museu’ e ‘museografia’ como etiquetas de identificação aplicadas aos assuntos e seus desdobramentos, extraímos trechos sobre o emprego. Eles foram registrados no idioma em que foram escritos. Obteve-se um inventário, cujo propósito foi agrupar os assuntos com certo ordenamento; a numeração sequencial aplicada serviu para operacionalizar a listagem. Afloraram os seguintes assuntos ou temas: campo de estudo da Museologia; características da Museologia; definições; ensino; estatuto científico; linguagem da Museologia; Museologia como disciplina científica ou como disciplina acadêmica; Museologia como prática; Museologia e museografia; Museologia e museu; Museologia e Icofom; Museologia e patrimônio; Museologia inserida no sistema das ciências; objeto de estudo; objeto museológico; orientações políticas da Museologia; pesquisa; profissão; sistema da Museologia; teoria e treinamento.

Cada etiqueta foi desdobrada. Exemplifica-se: *Museologia/disciplina científica ou disciplina acadêmica* obteve-se Museologia como disciplina científica; Museologia abordagem filosófica; Museologia [como] filosofia; Museologia como disciplina acadêmica. Para *Ciência*: Museologia ciência aplicada; Fato museológico (*museological fact*); Fato museu (*museum fact*); Museologia/ciência dos museus; Museologia/ciência do trabalho em museu; Museologia/trabalho em museu; Museologia (como) ciência social; Museologia (na) ciência da informação.

O conjunto obtido apontou para uma determinada cartografia da temática ‘Museologia’ segundo a perspectiva ‘icofoniana’, afirmando a existência do campo de conhecimento, mesmo com as diferenças de opinião. Esse mapa foi ordenado segundo *objeto da Museologia* (museu relação com a realidade; museu base institucional; museu uma forma de objetivação da específica relação homem e realidade; museus como base conceitual descritiva para a museologia); *funções* (museus como campo específico de demonstração e comunicação da museologia; museus e museologia como produtos mutáveis); *finalidade* dos museus ou da Museologia (elemento de sobrevivência para os museus não se tornarem parques de diversões); *local* (museu como lugar de legitimação dos símbolos da sociedade); *instrumentos* (no sentido de teorias ou propostas de teorias: Museologia e museus como assuntos da comunicação; Museologia como diretriz teórica para as funções realizadas pelos museus).

Em seguida, cotejaram-se as ocorrências ou características com o objetivo de ressaltar o similar e o diferente. Características, segundo Dahlberg, são atributos das coisas designadas e são encontrados por análise.¹⁹

b) Delimitação das características: ordenamos o material coletado (contexto de uso), destacando características que consideramos constitutivas e consecutivas e sintetizando-as num enunciado, no exemplo:

Quadro 1: Museologia: museologia tendo por base o museu

Características do conceito (constitutivas; consecutivas)	Contexto (autor e excerto)
Constitutiva: Museu tem especificidade. A disciplina que trata de museus se distingue da prática museográfica. Museologia é algo que se relaciona com os que trabalham em museus. As ciências que dão apoio a pesquisa em museus podem ser realizadas sem eles. Consecutiva: Museologia é um campo de pesquisa.	André Desvallées: “(...) a museum specificity is incontestable, and if a discipline exists which can be distinctly set apart from simple museographical practice, it is up to museum people to specify either that they wish to apply the term museology only to the language which they use to communicate with the public, or to the entire field of research and thought which allows them to practice their profession, even if the greater part of this research and reflection relate to sciences which would exist without the museum.” (MuWoP/DoTraM, n. 1:18).

c) Identificação das variações: agrupamos e sistematizamos, para cada característica ou atributo, as variações das descrições (a numeração seqüencial tem função operacional).

Quadro 2: Identificação das variações

VARIAÇÃO (1) ⇒ MUSEOLOGIA TENDO POR BASE O MUSEU

1.1 Museologia relaciona-se com os que trabalham em museus.

VARIAÇÕES DAS 1.2 Museologia é o conhecimento derivado dos museus.

DESCRIÇÕES ⇒ 1.3 Museologia é a teoria de todas as funções executadas pelos museus.

1.4 A organização de museus forma o ramo de conhecimento Museologia. Estuda os métodos para que os museus realizem seus objetivos.

1.5 A instituição museu é a base institucional necessária para a Museologia. Museologia compreende teoria, métodos de história dos afazeres dos museus.

Obs. O elenco alcançou 23 características ou atributos

Por sobre essa organização trabalhou-se, na etapa posterior, na distinção entre categorias e temas. As variações foram organizadas separando-se os traços semelhantes ou parcialmente semelhantes, e os de oposição:

MUSEOLOGIA

Fenômeno Museu: traços semelhantes ou parcialmente semelhantes: a Museologia existe em razão do fenômeno museu (o “Fator M”); a Museologia nasce da necessidade da sociedade em preservar; Museologia - se é uma ciência só pode operar como ciência social, pois museus existem em razão do comportamento social humano.

d) Síntese das variações e comentários: quadros sinópticos com as variações coletadas ordenaram os traços de cada atributo; incluiu-se um tópico (comentários) para sintetizar as idéias.

Quadro 3: Síntese das variações e comentários

Museologia é: Estudo; Estudo de Museu; da Instituição Museu; Funções de Museu; Estudo da Atividade Humana; Estudo da Museália – Objetos e coleções; Objetos de museu como estoque de informação; Objetos de museu e conteúdos simbólicos; Tratamento do objeto de museu.

COMENTÁRIO: A Museologia como estudo de museu (funções ou da instituição) instala uma relação de causa (a instituição) e efeito (a investigação). Mesmo ao se referir à “atividade humana de coleta”, o objeto de museu

aqui não é diretamente a atividade humana, mas um produto (os objetos), visando ressaltá-los para os visitantes (clientela). Museu, então, é o agente responsável pela guarda das coleções, função conjugada com proteção (preservação) desses elementos da cultura material. Para colaboradores as coleções são o objeto palpável da Museologia. Deslocando a ação para os objetos, valorizados por seu “valor documental”, esse passa a produtor da Museologia que, pela pesquisa, ou outros tratamentos, os transforma em produção ‘síntomas’, ‘mensagens vivas’, ‘signos icônicos’ – veículos de informação, os agentes de transferência de conhecimentos na comunicação em museu.

Por oposição: não é suficiente lidar com o aspecto institucional dos museus (o local); a teoria (a Museologia) não trata somente dos aspectos relativos à instituição e sociedade, mas aspectos cognitivos e do conhecimento da disciplina científica. Os objetos (artefatos/coleções) são vistos ora como instrumento, produto ou produção, não necessariamente vinculados às atividades internas do museu. Abre-se uma outra possibilidade de compreensão do objeto de estudo da Museologia, ainda centrado na preservação, mas levando-a para além do museu tradicional (a preservação *in situ*).

e) Categorias e temas: sobre o elenco de propriedades e suas variações que apontam para um campo de especialidade com conflitos nesse momento constitutivo, distinguem-se “temas” de “categorias”. Por temas têm-se *possibilidades de discurso* (ilustram expectativas e ansiedades da área).²⁰

Antes do estabelecimento das categorias, que são uma decorrência, evidenciaram-se três possibilidades com escopo delimitado dentro dos trechos coletados. São elas: 1^a.) o objeto da Museologia como o museu; 2^a.) o objeto da Museologia como a relação do homem com o objeto; 3^a.) o objeto da Museologia como ‘musealidade’. Concluimos que:

1^a.) considerando o museu como objeto da Museologia, as propriedades (características ou atributos) são suas técnicas e práticas; portanto, procedimentos operacionais, modos de fazer (exemplo: a museografia; que é instrumento). Nessa linha de raciocínio o foco ainda são as coleções, ou o tratamento e operações *sobre* as coleções. Os atributos remetem a questões ocorridas *dentro do museu*. Tem-se um conjunto de normas técnicas e procedimentos; a noção de preservação é abordada como defesa e cuidados *dos* objetos. A noção implícita de Patrimônio é *objetual*.²¹

2^a.) considerando o objeto da Museologia como “a ciência que estuda a específica relação do homem com a realidade, através da coleta e conservação sistemática de objetos selecionados, inanimados, materiais, móveis, principalmente tridimensionais que documentam o desenvolvimento da natureza e sociedade e dos quais se faz uso científico e cultural-educacional”(cf. GREGOROVÁ),²² percebe-se um certo deslocamento do museu (instituição) para a “relação do homem com o objeto”. A questão da preservação se instala como tema e, assim, como possibilidade, e não como traço constituinte do domínio. O museu aqui é instrumento, o elemento que intermedeia a relação homem/objeto.

Há uma subvariação a considerar com a denominação cunhada por Waldisa Rússio para essa relação (homem e objeto) como ‘fato museológico’ ou ‘fato museu’, implicando num homem que conhece (o sujeito do conhecimento), capaz de intervir na realidade.²³ Tem-se um tema: o deslocamento para identificar o objeto de estudo da Museologia se faz entre as seguintes variáveis: conhecer a própria relação entre homem e objeto; conhecer o sujeito; conhecer o objeto que está para ser conhecido e conhecer o museu. Nota-se que, nessas proposições, *preservação* e *Patrimônio* ficam vinculados à *preservação de objetos materiais* e, conseqüentemente, a uma série de procedimentos (guarda, conservação, restauro, documentação e exposição) para a educação (finalidade). A idéia de Patrimônio ainda é *objetual*; portanto, um tema e não traço constituinte do conceito.

3^a.) a ‘musealidade’ trata de valor atribuído, um critério conferido; não está diretamente no objeto. É ainda a instituição que fica em evidência como instrumento de valoração de *objetos*

concretos. A noção de Patrimônio, implícita, restringe-se a objetos materiais.

Outros descolamentos aparecem, e neles, a *preservação* surge como alavanca para atividades da Museologia; portanto, novamente como instrumento de operações. A noção de *patrimônio expandido* (natural e cultural; naturália e artefatos), na proposição de Van Mensch et alii;²⁴ abre uma outra possibilidade que apresenta a Museologia como *disciplina de interpretação* na dependência de outras disciplinas. O escopo disciplinar deixa de ser o museu. Percebem-se as influências das concepções desenvolvidas pela Nova Museologia: o ‘lugar-museu’ também se expande para ‘lugar-território’. Está aberta a vereda para que a Museologia ultrapasse os limites do museu. Por este caminho, a idéia inicial de que museus cuidam de objetos transforma-se numa proposta, pelo menos em tese, de que pessoas — os agentes *de fato* — constroem sua relação com o Patrimônio. Nesse ponto, o Patrimônio deixa de ser tema da Museologia, uma possibilidade de discussão, e torna-se um traço constitutivo menos visível nos museus tradicionais.

Têm-se duas opções diversas entre si apontando para caminhos diferentes: **1)** Museologia como *recurso de cientificidade* para os museus. **2)** *Museologia como área de conhecimento científico*.

1) Museologia conferindo *cientificidade a área de museus*: trata-se de recurso para os museus, determinado pelas atuações da instituição. Aqui uma concepção decorrente da etimologia da palavra (‘museu + logia’); a lógica se pauta pelo museu que define o museológico (ou o equipamento precede o pensamento); uma relação de causa e efeito e também temporal (Museologia é o museu). Nesse caso, o domínio poderia ser designado pelo termo ‘museu’. Uma subvariação considera a Museologia como *reconstrução* de conhecimento *decorrente* de atividades e experiências materializadas em todos os procedimentos (são instrumentos de ação; agente). Sob esse enfoque a Museologia terá seu nível teórico a reboque da prática; não se impõe como disciplina propositiva.

2) Museologia como *área de conhecimento científico*: nessa perspectiva o museu torna-se uma modalidade pragmática da Museologia, entre outras; ele é uma das formas de expressão da Museologia. As formas, no entanto, se alteram (exemplo, os ecomuseus).

É provável que uma conceituação mais adequada para Museologia parta do entendimento que se trata de um processo e reflexão sobre os modos de produção, organização e consumo desta específica relação entre homem e objeto. No entanto, não prescinde do atributo ‘patrimônio cultural’, integrando o Patrimônio *sob* o ângulo da Museologia. Esta seria uma variação possível da Museologia como área de conhecimento científico.

Nesse caso, e numa primeira aproximação para identificar as categorias do conceito *museologia*, temos: Museologia como área de conhecimento científico que se concretiza *sobre indícios variados do Patrimônio cultural e natural* (o objeto), em qualquer lugar que ele se apresente (o lugar), *por meio* de procedimentos de preservação, conservação, documentação, exposição, educação, divulgação e disseminação de conhecimento (os instrumentos).

Por tal perspectiva, a Museologia é disciplina que *independe* do museu, que se torna, sob este prisma, um dos possíveis *exercícios* da Museologia. Não mais o único. Neste caso, a denominação do domínio é *museologia*, e um de seus subdomínios *museu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUBERT, Francis Henrik Língua como estrutura e como fato histórico-social: conseqüências para a terminologia. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo, FFLCH/CITRAT, 1996. p. 11-15.

CERAVOLO, Suely Moraes (2004). *Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia*. Tese de doutorado. ECA/USP. 218 p.

———. (2004b) Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista*. Nova Série, São Paulo, Museu Paulista, v.12.jan./dez.2004, p. 237-268.

¹ Ivo Maroevic faz parte do corpo docente da Faculdade de Filosofia, Universidade de Zagreb, Croácia. Desde 1984 desenvolve um programa de Museologia no Departamento de Ciências da Informação, com o objetivo de inter-relacioná-la com bibliotecas, documentação e informação, estabelecendo-a como disciplina formal dentro da área de ciências sociais e campo das ciências da informação.

² KOBASHI, Nair Y.; SMIT, Johanna; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. *DataGramaZero — Revista de Ciência da Informação*, v. 2, n. 2, abr. 2001. Disponível em: <www.dgz.org.br/abr01/F_1_art.htm> Acesso em: 19 set. 2001.

³ VAN MENSCH, Peter. The museology discourse. In: *Towards a methodology of museology*. PhD thesis, University of Zagreb. Disponível em: <www.xs4all.nl/~rwa/boek03.htm>. Acesso em: 27 mar. 2001. 1992. p. 1 de 14.

⁴ VAN MENSCH, Peter. International Committee for Museology. In: *Towards a methodology of museology*. PhD thesis, University of Zagreb. Disponível em: <www.xs4all.nl/~rwa/boek03.htm>. Acesso em: 27 mar. 2001. 1992. p. 2 de 20.

⁵ *Museological Working Papers (MuWop)*. n. 2 — *Interdisciplinarity in museology*. Estocolmo, ICOM International Committee for Museology (ICOFOM)/Statens Historiska Museum (SMH, the Museum of National Antiquities), 1981. 91 p.

⁶ DICIONARIUM MUSEOLOGICUM. Budapeste, Comitê de Trabalho Terminológico para a Documentação-CIDOC/ICOM, 1986. 365 p.

⁷ VAN MENSCH, Peter. *Towards a methodology of museology*. PhD thesis, University of Zagreb. Disponível em: <www.xs4all.nl/~rwa/boek03.htm>. Acesso em: 27 mar. 2001. 1992. p. 2 de 20.

⁸ István Éri foi um estudioso de literatura e história húngara, arqueólogo especialista em Idade Média. Ocupou cargos de diretor do Instituto de Conservação e Metodologia de Budapeste; foi presidente do grupo de trabalho do CIDOC (Comitê Internacional para a Documentação, posteriormente também para a Terminologia).

⁹ AUBERT, Francis Henrik. Língua como estrutura e como fato histórico-social: consequências para a terminologia. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 1996. p. 11-15.

¹⁰ Ver CERÁVOLO, S. M. Delineamentos para uma teoria da Museologia. In: *Anais do Museu Paulista*. Nova Série. São Paulo, Museu Paulista, v.12. jan./dez. 2004, p. 237-268.

¹¹ VOGT, Carlos. A espiral da cultura científica. Disponível em:

<www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml> Acesso em: 14.08.2003.

¹² CERAVOLO, S. C. *Da palavra ao termo: um caminho para compreender Museologia*. Tese de doutorado. ECA/USP. 2004, 218 p.

¹³ CABRÉ, M. Teresa. *La terminologia: representación y comunicación*. Elementos para una teoría de base comunicativa y outros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra/Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 1999. 369 p.

¹⁴ Cabe a *Museum* a denominação ‘periódico’ com uma trajetória de mais de oitenta anos, pois retoma a *Museum* (publicada pela Organização Internacional de Museus; Liga das Nações); depois *Museum* (publicada pela Unesco; com primeiro número em 1948), e em 1993 *Museum International*.

¹⁵ LARA, Marilda Lopes Ginez de. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco ...), a análise documentária e a linguagem documentária. Disponível em: <www.dgz.org/dez01/Art_03.htm> Acesso em: 13.08.2003. p. 6 de 12.

¹⁶ CABRÉ, M. T. *La terminologia*. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antàrdita/Empúries., 1993. p. 196 e 23.

¹⁷ LARA, Marilda Lopes Ginez de. *Elementos de terminologia*. São Paulo, CBD-ECA-USP, 2002. (apostila para uso didático na Disciplina Lingüística e Documentação).

¹⁸ TÁLAMO, M. F.; 2004: comunicação pessoal.

¹⁹ DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. In: *Ciência da Informação*. Brasília, IBICT.1978. 7(2):101-107.

²⁰ São temas da Museologia (no levantamento realizado): definição da Museologia como ‘situacional’, dependente do ponto de vista de quem lhe define; os objetos de museu são veículos de informação ou de ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, 12 Florianópolis, SC.

conteúdos simbólicos; coleções de museu como protetoras da ‘museália’ ou que os museus garantem a preservação de objetos; a Museologia alcança seus objetivos por meio dos objetos de museus. Também Museologia como “idéia” de museus.

²¹ ‘Objetual’ é uma palavra empregada em textos da área de Museologia no sentido de objetos/artefatos de museu e nele situados.

²² GREGOROVÁ, A. *Museological Working Papers (MuWop). n. 2 — Interdisciplinarity in museology*. Estocolmo, ICOM International Committee for Museology (ICOFOM)/Statens Historiska Museu (SMH, the Museum of National Antiquities), 1980. 35 p.

²³ RÚSSIO, W. *Museological Working Papers (MuWop). n. 2 — Interdisciplinarity in museology*. Estocolmo, ICOM International Committee for Museology (ICOFOM)/Statens Historiska Museu (SMH, the Museum of National Antiquities), 1980. 56 p.